Mulheres, cultura dos cuidados e movimento beguino (Europa, séculos XII-XIII)

Women, care culture and begin movement (Europe, 12-13st centuries)

Sendy Santana Domingues
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
sendy.domingues@gmail.com
https://orcid.org/0009-0008-7867-0254

Paulo Fernando de Souza Campos
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
pfsouzacampos@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8518-6921

Patrícia Martins Montanari
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
patricia.montanari@fcmsantacasasp.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-1945-6513

Recebido em: 1 de abril de 2026
Aceito em: 7 de agosto de 2026

Resumo:

Ao se absterem dos prazeres e das vaidades como caminho para atingirem perfeição, equilíbrio moral e espiritual, as mulheres medievais conhecidas como beguinas permitem acessar a história pré-profissional da enfermagem, ou a cultura dos cuidados. Pouco citadas, suas existências desvelam não somente o lastro místico-religioso que envolve as ações do cuidar-cuidado, exaltando o ancestral feminino, mas também a resistência feminina. Diante desse quadro, o artigo explora publicações acadêmicas existentes a partir da revisão narrativa sobre o tema e problematiza a mística que envolve a enfermagem moderna no a partir da medievalidade, bem como o lugar das mulheres nesse processo.

Palavras-chave: História das Mulheres. Cultura dos Cuidados. Enfermagem Pré-profissional.

Abstract:

By abstaining from pleasures and the vanities to reach perfection, moral and spiritual balance, medieval women known as beguines allow the access to the pre-professional history of nursing, or culture of care. Rarely mentioned, their existences reveal not only the mystical-religious ballast that involves their actions in the scope of care-careful, which exalts the female ancestor, but also the female resistance. Given this background, the article explores existing academic publications on the subject based on the narrative review of the topic and problematizing the mystique surrounds that modern nursing in the long time of history, as well as the female place in this process.

Keywords: Woman History. Care Culture. Pre-professional Nursing.

Introdução

No transcorrer do século XII para o século XIII, em um contexto inadequadamente considerado como "Idade das Trevas" ou "período negro da história", ambos enunciados de caráter colonialista e discriminatório, eclodiu, no mundo europeu, o movimento beguino, tendo a participação feminina como uma de suas principais características. Além de contestar a superioridade masculina e os dogmas da Igreja Católica, a relevância desse movimento possibilita retomar a análise da correlação entre religiosidade e a mulher medieval. Diferentemente das beatas e das merceeiras, para as quais se davam pensões ou moradia por certos encargos espirituais, as beguinas foram mulheres leigas que praticavam a vida ascética em espaços chamados beguinarias. Nesses lugares, essas mulheres exerciam a hospitalidade e a caridade como atos de perfeição, isto é, como formas de legitimação do sublime e do sagrado que moviam as mulheres medievais em torno do cuidar-cuidado de pessoas enfermas, moribundas, abandonadas. Dessa forma, é possível considerá-las essenciais na história da enfermagem pré-profissional, nominada animista, mística ou religiosa (Domingues, 2014; Siles-Gonzales, 1999).

Cabe contextualizar dois conceitos importantes para o desenvolver desse artigo: o "cuidar-cuidado" e a "enfermagem pré-profissional. Segundo José Siles-Gonzales e Solano Ruiz (2011), a enfermagem pré-profissional caracteriza-se no lugar relegado às mulheres "como antecedentes não profissionais ao longo da história: cuidados de sobrevivência, cuidados maternais, parto, perinatal, amamentação, criação etc.". A partir da observância dessas práticas femininas, os autores apresentam o cuidado como um conjunto de sentimentos, como maternidade, altruísmo, piedade e caridade, que levam à práticas de cuidar, logo, o cuidar é entendido como a forma pela qual o cuidado de efetiva, a ação sob o doente. Importante ressaltar que na história da enfermagem o sentimento (cuidado) e a ação (cuidar) se expressa na história integrada aos valores sociais, culturais, religiosos e morais de cada época. A historicidade das beguinas revela a emergência de uma vida femininamente organizada e independente da supervisão masculina, com algumas práticas dissociadas dos dogmas cristãos e, por esse motivo, considerada herética. As beguinas chamaram a atenção das autoridades eclesiásticas por rearticularem interpretações esquemáticas impostas pela Igreja Católica entre os séculos

V e XV, na chamada Idade Média europeia. Em grande medida, o pensamento desses dez séculos de história relacionava, de modo sintomático, o feminino ao cuidado como ação místico-religiosa, um ato consagrado realizado em "sanatórios de enfermos [...] igualmente um local de trabalho para as beguinas, um centro de tratamento de doentes" (Miatello, 2022: 3). Em outras palavras, suas histórias permitem remontar o legado pré-profissional da enfermagem, presente no longo tempo da História, e neste trabalho, evidenciado pela História Medieval, bem como o lugar político e ideológico de mulheres na saúde (Fernández, 2015).

O tratamento dos impactos das práticas místico-religiosas exercidas por mulheres chamadas bruxas, matronas, monjas e celibatárias, segundo José Siles-Gonzales (1999), revela dimensões sociais, antropológicas, culturais e históricas da enfermagem pré-profissional, evidenciando, assim, o lugar do feminino no âmbito do cuidar-cuidado de corpos e de almas a partir de práticas seculares. As análises a respeito das correlações existentes entre mulheres e saúde, em diferentes regimes de historicidade, permitem localizar ordens religiosas dedicadas a esse mister como, por exemplo, as Carmelitas e as Clarissas, ordens religiosas ligadas ao movimento Franciscano. Nesse contexto também é evidente as práticas das Filhas de São Vicente de Paulo, ou Servas dos pobres, freiras cujo voto estabelece o cuidar-cuidado caritativo como base essencial à vida religiosa, o que ocorre com as Irmãs de *Battant*, freiras da abadia da ordem de *Cíteaux*, na cidade de Besançon, França.

Na maioria das vezes, esses grupos religiosos tratavam-se de mulheres nobres que podiam pagar o dote exigido por ordens religiosas como forma de ingresso. Assim, na Baixa Idade Média, a nobreza do ato praticado por beguinas extrapola suas ações como sagradas e permite considerá-las como enfermeiras pré-profissionais, pois promoviam a vida no intuito de salvar as almas (Collière, 1999; Fernández, 2015; Miatello, 2022; Oliveira, 2017; Pontes, 2015; Stinglhamber-Vander Borght, 1994). Desse modo, o artigo retoma a abordagem das beguinas a partir da história da saúde, isto é, da antropologia ou da cultura dos cuidados como uma história das mulheres. Essencialmente feminino, o movimento beguino remonta comunidades baseadas em uma vida apostólica hospitaleira em espaços traduzidos como enfermarias durante a Idade Média. A historicidade de suas ações possibilita acessar a resistência no feminino (Hollanda, 2019); ao evocar as apropriações seculares entre o cuidar-cuidado e o

movimento feminino místico-religioso. O artigo reitera os elos da cultura ancestral que desemboca na enfermagem moderna, pois, como profissão, projeta-se política e ideologicamente feminizada, ou seja, apropriada às mulheres, com raríssimas exceções.

Derivada de uma revisão narrativa realizada a partir do levantamento bibliográfico formado a partir de referencial construído ao longo dos estudo sobre o feminino, medievalidade e enfermagem, e da busca em bancos de dados *on-line,* como as plataformas SciELO e Google Acadêmico, com objetivo de acompanhamento de discussões atualizadas sobre a temática. A amostragem resulta não da seleção quantitativa dos elementos da população – no caso, trabalhos acadêmicos –, mas da profundidade qualitativa da análise apresentada pelos resultados e discussões, como revela a bibliografia. Desse modo, foram selecionadas referências clássicas, como livros e capítulos de livros, produções como teses e dissertações e artigos científicos publicados em português e espanhol. Buscou-se estudos realizados no âmbito universitário sobre as beguinas e que apresentam, em seus resumos, interfaces com o cuidar-cuidado e com os lugares históricos ocupados por mulheres na saúde e na *cultura dos cuidados,* como permite considerar José Siles-Gonzales (2011).

Movimento beguino: o cuidado como resistência feminina

De acordo com os autores consultados, o século XIII foi marcado pela efervescência de ordens mendicantes que emergiram a partir de críticas ao luxo ostentado pelas instituições eclesiásticas. Em sua quase totalidade, seus representantes optavam por uma vida humilde e de pobreza dedicando-se, principalmente, ao auxílio de doentes, andarilhos e moribundos, isto é, pessoas abandonadas, enfermas e vulneráveis. Vivenciando uma *Vita Vere Apostolica*, suas ações evocavam o cuidar-cuidado como prova de santidade alcançada pela misericórdia do ato, que incluía acolhimento e hospitalidade no sentido de minorar o sofrimento alheio ou na intenção da salvação da alma, portanto, sagrado, sublime, santificado, pois vinha despojado de qualquer valor material e era, por isso, devocional, tratado como promessa solene (Bara Bancel, 2016; Costa; Costa, 2023).

Como permite considerar a produção acadêmica consultada, nas ordens mendicantes "[...] seu denominador comum era a pobreza voluntária. Essa opção fundamental era a condição necessária de uma fidelidade ao Cristo" (Vauchez, 1995: 95). Organizações femininas mobilizavam a vida religiosa em torno da caridade, do cuidar-cuidado de enfermos, da manutenção da vida como uma via para o encontro com o divino, pois considerado ato puro e nobre. Do mesmo modo, esses atos podiam ser tratados como possibilidade femininamente encontrada para romper a "natureza" imposta às mulheres, qual seja, o matrimônio-procriação, sem que seus nomes e de suas famílias fossem maculados – regra aceita e praticada socialmente durante a Idade Média (Brunelli, 2002). Vale dizer, as beguinas eram religiosas que se associavam em comunidades laicas não subordinadas à Igreja oficial (Costa; Costa, 2023).

O movimento beguino, em específico, atraía mulheres nobres solteiras, mas também viúvas e pobres que buscavam na experiência religiosa mais profunda o viver de maneira ascética e em torno do funcionamento do *ágape*, isto é, do amor fraternal praticado no ato do cuidar-cuidado. Grupos femininos surgiram no final do século XII e no início do século XIII, quando mulheres oriundas de famílias abastadas deixaram suas casas para viver em comunidades. A experiência proposta pelo movimento beguino, nome que remete ao tecido rústico e bege característico dos hábitos dos defensores da "pobreza evangélica" (Guerizoli, 2000: 485), pois mantinham indumentárias como religiosas. Inclusive, é possível estabelecer relações entre os véus usado por religiosas como peças de suas vestimentas que transbordam simbolicamente para o uniforme de enfermeiras na enfermagem profissional, inclusive, como representação do sagrado feminino e não da subalternidade atribuída pela perspectiva comparativa às trabalhadoras domésticas, desqualificando-as, o que destituiu o seu uso. A indumentária das beguinas legitimava simbolicamente os opróbrios em torno das abdicações ao casamento e à maternidade em prol da solenidade do cuidar-cuidado como ato sagrado (Fernández, 2015).

Mulheres pobres podiam adotar o estilo de vida beguino, uma vez que o ingresso em beguinarias não dependia do pagamento de dote cobrado pelas casas religiosas tradicionais. Todavia, os autores consideram que o movimento beguino evocava, principalmente, mulheres letradas – escritoras, pintoras –, mesmo que as não pertencentes ao ambiente social da aristocracia ou as que viviam afastadas da vida

politicamente bem estabelecida e pudessem se dedicar à vida religiosa caritativa como forma de promessa solene (Nascimento, 2003). Sobre esse aspecto, os estudiosos indicam:

> Sejam as beguinas de vida comum, sejam as "beguinas de rua", todas tinham uma vida de contato direto com a população, mormente aquela parte da população com a qual o grupo beguinal esperava servir: os mais pobres da cidade [...] dando ênfase ao trabalho com os doentes, aqueles caídos pelas ruas e os que eram recolhidos em hospitais, mantidos, nesse caso, por outras instituições pias (Miatello, 2022: 14).

Os primeiros grupos surgiram no final do século XII e se multiplicaram ao longo do século XIII em países como França, Bélgica, Holanda e Alemanha, principalmente em áreas urbanas ou em rotas de comércio, vivendo em casas denominadas beguinarias (ou beguinários), que rapidamente se espalharam pelo norte da Europa, em alguns casos, consideradas "cidades dentro da cidade" (Costa; Costa, 2023). Em Estrasburgo, contavam-se 85 casas; em Bruxelas, a grande beguinaria reunia 1.200 beguinas. Em Paris, havia 400 beguinas; na Europa, estimava-se cerca de um milhão (Miatello, 2022). Jacques Le Goff referenda a esse processo histórico:

> A população eclesiástica, nessa cidade episcopal onde existem 11 paróquias, chega aproximadamente a: 1. Para o clero secular: 100 pessoas em 1200-1210, 140 em 1260-1270, 295 em 1300-1310, 350 em 1330; 2. Para o clero regular: 18 pessoas em 1200-1210, 40 em 1260-1270 (das quais 24 dominicanos e franciscanos, 9 clarissas, irmãs de Battant e beguinas, todos e todas surgidos recentemente), 115 em 1300-1310 (das quais 48 mendicantes e 34 irmãs e beguinas), 130 em 1330 (das quais 65 mendicantes, 23 clarissas, 8 irmãs de Battant e 8 beguinas). Portanto, para o conjunto do clero e das religiosas, teria havido cerca de 120 pessoas em 1200, 180 em 1260, 410 em 1300, 480 em 1330. Essa quadruplicação é certamente muito superior ao crescimento do conjunto da população, que, embora tenha aumentado de maneira mais ou menos regular de 1200 a 1330, não o fez nas mesmas proporções. Em 1330, Besançon deve contar cerca de 10 mil habitantes. A população eclesiástica representa, pois, 5% desse total (Le Goff, 1992: 160).

As beguinas optavam por um estilo de vida femininamente administrado, além de intelectualizado, sendo, assim, consideradas como força religiosa influente na vida e na cultura das cidades medievais, bem como entre a população eclesiástica organizada

próxima às ordens mendicantes. Além disso, eram vistas como mulheres independentes, que viviam a partir de seus próprios dogmas religiosos e consideradas religiosas místicas.

Conforme destacam as referências, não era necessária a proclamação de votos públicos para fazer parte do movimento beguino, nem mesmo a clausura comum em mosteiros católicos, uma vez que servir aos doentes era a base da vivência religiosa dessas mulheres urbanas. Além de longos momentos de oração e de práticas contemplativas que imprimiam um relacionamento novo com Deus, as beguinas buscavam pureza do corpo e da alma com a negação dos prazeres do mundo e a castidade obrigatória por meio do cuidar-cuidado obsequioso (Richards, 1993; Vauchez, 1995).

Organizadas em comunidades espirituais independentes, as beguinas questionavam a hierarquia da Igreja, as ordens religiosas, as abadias e os mosteiros femininos ligados jurídica e espiritualmente ao masculino, tornando-se particularmente opositoras do legado ocidental cristão católico dominante. André Vauchez (1995) constata que esse cenário evoca dificuldades enfrentadas pelas beguinas ao realizarem um destino espiritual livre de imposições masculinas. Assim, no declínio do movimento, no final do século XIII, tendo algumas de suas participantes queimadas pela Inquisição como hereges. Desse modo, os autores permitem considerar o movimento beguino como uma da importante manifestação emancipatória do mundo feminino, sintomaticamente, a partir do cuidar-cuidado como base do movimento espiritual místico-religioso. A prática desse grupo medieval transborda para a construção histórica da enfermagem profissional como adequada às mulheres, pois, mesmo na modernidade, os lugares sociais delas foram projetados masculinamente como esposas e mães, impedidas de uma vida independente e intelectual (Badinter, 1985).

O desenvolvimento da vida apostólica, pregada por ordens mendicantes, questionou o monopólio da Bíblia. Reservada ao clero desde os primórdios, a leitura se ampliou ao durante os séculos XII e XIII com a promoção do livre acesso ao texto sagrado em línguas vernáculas, e não mais em latim, o que proporcionou maior divulgação das Sagradas Escrituras (Richards, 1993). Com isso, as camadas leigas da

população passaram a ter acesso a traduções bíblicas e, nesse processo, perdeu-se o monopólio clerical tanto da leitura quanto da escrita, na medida em que esses saberes se estenderam também às mulheres, as quais, nesse sentido, inseriram-se em espaços antes reservados unicamente aos homens. Apesar do acesso das mulheres à leitura e à escrita, o ministério da palavra permaneceu sob o poder exclusivo dos homens, únicos autorizados a interpretar e a evangelizar a palavra divina, pois representavam Deus na terra (Baschet, 2006; Michelet, 1995, 2003).

A partir das leituras bíblicas, dos sermões e da aproximação com práticas místico-religiosas, desenvolveram-se, entre as beguinas, contínuas meditações a respeito do sofrimento de Cristo, ou seja, uma espiritualidade diferente daquela habitual ou reconhecida pela Igreja. Como mulheres que sabiam ler e escrever, passaram a registrar suas experiências durante momentos de espiritualidade e de meditação, produzindo textos que alinham a cultura bíblica ao modelo literário do amor cortês, gênero de escrita que extrapola a Idade Média e se estende ao Renascimento (século XIV-XVII). Nesse processo de escrita feminina, muitas mulheres religiosas foram consideradas loucas, demoníacas ou impuras (Brown, 1987).

Ao escreverem a respeito da relação de amor místico com Deus, algumas beguinas fugiram à regra eclesiástica e geraram reações por parte da Igreja Católica. Pesquisadores que tratam verticalmente o tema elencam, entre essas mulheres: Hadewijch D'Anvers (1200-1260), conhecida como “a grande senhora”, que escreveu *Visões*, por volta de 1240, considerada uma das maiores obras literárias em neerlandês; Mechtilde de Magdebourg (1207-1282), autora de *Luz Transbordante da Deidade*, um compêndio de visões, orações, diálogos e relatos místicos, a primeira mística a escrever em alemão; Doucelina de Digne (1214-1274), escreveu o livro intitulado *Vida de la Benaurada Sancta Doucelina Mayre de las Donnas de Robaut*; e Marguerite Porete (1250-1310), a qual, por volta de 1300, redigiu o *Espelho das Almas Simples e Aniquiladas* – essa sendo a primeira beguina a sofrer uma consequência oficial relacionada à observância da Igreja. Nesse artigo, será tratado especialmente sobre Marguerite Porete, justificando essa escolha devido a ela ter sido a mulher que permeou o início da pesquisa sobre as beguinas e pela necessidade de um recorte temático.

A escrita e a consequente divulgação de ideias entre as beguinas causaram comoção nas autoridades religiosas, principalmente por escreverem em língua vulgar, disseminando mais rapidamente seus pensamentos entre pessoas comuns, produzindo, assim, divergências entre sermões pregados por membros do clero. Como atestam autores clássicos consultados, a Igreja "[...] ficava atenta tão logo as emoções do misticismo se transformavam em convicções bem formuladas ou passavam a ser aplicadas na vida social" (Huizinga, 2010: 323). Nessa medida, a proximidade dessas mulheres com a população laica fazia com que as práticas ascéticas e as interpretações sobre os textos bíblicos se difundissem com mais força e rapidez.

Como mulheres independentes do controle masculino, as beguinas passaram a representar perigo à ordem estabelecida, penetrando em campos de controle exclusivo da Igreja, particularmente no que se refere ao cuidar-cuidado. A desconfiança dos clérigos em relação ao movimento beguino aumentou após a notável liberdade com a qual estavam se expressando e aglutinando seguidores. Como aponta a historiografia, perseguidas por clérigos hostis ao movimento, causaram reações que levaram à proibição de novas ordens religiosas, como reiterado no Segundo Concílio de Lyon, realizado em 1274 (Richards, 1993). Depois, no Concílio de *Vienne*, entre 1311-1312, foram oficialmente consideradas hereges.

O papa Clemente V condenou as beguinas com os decretos *Ad nostrum e Cum de quibusdam mulieribus* e movimento passa a ser perseguido devido às mulheres não prestarem obediência à Igreja, não se obrigarem ao voto nem a renunciarem a seus bens, tampouco seguirem a uma regra aprovada pelo clero. Além de espalharem opiniões contrárias à fé católica por meio da escrita ou da própria configuração do movimento que, do mesmo modo, não seguia modelos pré-estabelecidos, aceitos ou proclamados pelo catolicismo ou por homens, portanto, como resistência no feminino. Recusando dogmas da Igreja e seguindo interpretações próprias da Bíblia, as beguinas foram acusadas de iludir "[...] inúmeras pessoas simples, induzindo-as em diversos erros, praticando e cometendo elas próprias, sob uma aparência de santidade, muitas outras coisas que põe a alma em perigo" (Guerizoli, 2000: 487). Assim, proibições e perseguições se estenderam aos membros do clero que se dirigiam a essas mulheres, bem como a todos os que as apoiassem em suas atuações, como segue:

> Quanto aos religiosos, de quem se diz aprovarem nestas mulheres o estado de beguina chegando mesmo a induzi-las a essa situação, proibimo-los expressamente, sob a mesma pena de excomunhão que a elas se aplica, de admitirem mulheres nesse estado de vida; o que vale tanto para aquelas que aí já estejam quanto para as que busquem assumi-lo pela primeira vez. Igualmente, proibimo-los de fornecer-lhes conselho, ajuda ou favor que as levem a se opor a tal regulamento (Guerizoli, 2000: 487).

Autores consultados permitem afirmar que existiam limites precisos entre ortodoxia e heresia no contexto medieval, pois "[...] todo herético torna-se tal por decisão das autoridades ortodoxas. Ele é, antes de tudo, e com frequência assim permanece sempre, um herético aos olhos dos outros" (Duby, 2011: 209). Desse modo, o grupo considerado herético evocava escolhas que passaram a ter alguma repercussão na sociedade e que de alguma forma ameaçaram a estabilidade da ordem vigente ao poder instituído. Após o Concílio de Vienne, algumas beguinas se submeteram à incorporação de ordens femininas permitidas pela Igreja, perdendo aos poucos as práticas e o estilo de vida beguino, ao passo que, aquelas que se obstinaram em suas escolhas ou insistiram nos hábitos e comportamentos místicos, e que continuaram a interpretar livremente as escrituras, foram perseguidas e queimadas vivas (Duby, 2013; Macedo, 1990).

A história cultural possibilitou o desenvolvimento de um novo enfoque, diametralmente oposto à historiografia que enaltecia heróis masculinos e que desconsiderava o medievo como um "período" em que pouco ou quase nada havia sido produzido, sendo, por esse motivo, entendido por denominações colonialistas repletas de incoerências. Com a renovação das práticas historiográficas e das fontes de pesquisa, novos historiadores ampliaram a compreensão da história, incluindo as mulheres, especialmente no contexto da Idade Média. Ainda que se trate de uma sociedade estritamente masculina, Georges Duby (2013), um dos maiores expoentes dessa nova historiografia medieval, afirma que os discursos existentes são feitos por homens convencidos de sua superioridade. Contudo, a historiografia reitera: "eu os escuto falando antes de tudo de seu desejo e, por consequência, das mulheres. Eles têm medo delas e, para se afirmarem, desprezam-nas" (Le Goff; Truong, 2010: 55).

A invisibilidade do feminino na história passou a ser alterada quando as experiências das mulheres emergiram na pesquisa acadêmica, com a terceira geração da *École des Annales*, na década de 1980, ou seja, como parte do movimento historiográfico francês, considerado por Peter Burke como "revolução da historiografia" (1991). Mesmo que autores consagrados tenham tratado anteriormente o tema, destacando-se Jules Michelet (1798-1874), ao publicar *A Mulher*, em 1859, assim como *A Feiticeira*, em 1862, durante a escrita de uma série de textos baseados no estudo de história natural.

Excluídas da história, as beguinas se tornaram exemplares, cujas ações permitiram redimensionar a resistência do feminino no medievo, não somente em relação ao rompimento com ordens eclesiásticas, mas fundamentalmente a partir do cuidar-cuidado como prerrogativa do sagrado. Tais considerações ampliaram os elos entre história e enfermagem. Sílvia Bara Bancel reitera que as mulheres que se uniram em torno do movimento beguino constituíram uma comunidade feminina complexa, salientando que uma das atividades da vida original consistia no "trabalho manual e a atenção a pobres e enfermos em meio às cidades, com uma profunda experiência contemplativa, de oração, leitura e estudo (Bara Bancel, 2016: 51).

Figura 1 – À esquerda: "A dança macabra" (Des dodes dantz) de Lübeck, 1489. À direita: "Within the Beguinage" Aelfred Fahey (1905)



Fonte: http://www.dodedans.com/E1489.htm. Acesso em: 12 mar. 2026.
https://emuseum.delart.org/objects/2993/within-the-beguinage. Acesso em: 12 mar. 2026.

A bibliografia referenciada classificou mulheres medievais como rejeitadas, esquecidas, ignoradas, inferiores aos animais. A Igreja, por deter o controle do mundo feminino entendido como perigo à ordem da comunidade, assumiu a tarefa de mantê-las "protegidas" e constantemente vigiadas, vale dizer, esquadrinhadas por uma mentalidade eclesiástica pautada na supremacia do masculino, pois "Deus" adotou a figura de um homem, no imaginário cristão. Jules Michelet (2003), ao escrever o clássico *A Feiticeira*, esclarece que no medievo não se pensava nas mulheres; assim, representadas como pecadoras, figurativizadas como demoníacas, inclusive, por "sangrarem", as mulheres eram temidas, pois eram detentoras de saberes milenares e de práticas ancestrais em torno da manutenção da saúde.

Devido à inferioridade imposta às mulheres, a constante vigilância dos homens sobre seus atos pode indicar que a participação do feminino na Idade Média foi inexpressiva, visto que era organizada socialmente de modo essencialmente masculino. Contudo, como permitem considerar os estudos históricos, as mulheres figuravam com importância ímpar na sociedade medieval, afinal, elas eram esposas, amantes, mães, responsáveis pela organização da casa, observação e instrução dos criados. Mesmo devendo submissão e respeito a seus esposos, responsáveis por ações exteriores ao lar e atividades públicas, souberam resistir e se rebelar (Duby, 2011).

Na hierarquia das posições sociais de mulheres no medievo, a camponesa era a mais rebaixada no interior de uma ordem moral desejada. Era responsável por tarefas domésticas, além da participação em inúmeros serviços no campo, nos quais "[...] plantava ervilhas, feijão, pescava, batia o trigo, ordenhava vacas, tosquiava os carneiros. Apenas deixava de cultivar e lavrar a terra" (Macedo, 1990: 27). Nesse contexto, pode-se perceber a mulher senão como igual, mas quase equivalente ao homem no que diz respeito ao trabalho (Le Goff, 1992). Segundo José Rivair Macedo (1990), algumas obras literárias do período medieval relatam o cotidiano das camponesas pobres, com suas vidas trágicas e laboriosas, lutando todos os dias pela sobrevivência.

As mulheres ganhavam maior prestígio quando, durante o casamento, cumpriam seu dever máximo de gerar e fazer nascer um filho, de modo que "[...] a mulher só alcança existência jurídica, só entra na vida casada, e ela sobe um degrau suplementar quando, no casamento, realiza aquilo para o qual foi tomada por um homem, quando dá à luz" (Duby, 2011: 133). Ao se tornar mãe, a mulher passava a ser mais respeitada, e tinha como principal função zelar pelo crescimento e a educação da criança, ainda que

ideologicamente, pois, como salienta Elizabeth Badinter (1985), o amor materno não é um atributo do feminino, mas um mito, uma construção histórica. Além do matrimônio, as mulheres poderiam dedicar-se à vida religiosa, e em todos os casos eram constantemente vigiadas:

> Fora da célula doméstica, a mulher se encontra em uma posição considerada perigosa. Não devem existir mulheres sozinhas na sociedade, essas 'pobres' mulheres privadas desse poder que é de fato reflexo do poder exercido pelo homem sobre elas. Quanto a essas mulheres solitárias, a sociedade se esforça por reuni-las em instituições de isolamento e proteção, organizadas igualmente como 'casas' (Duby, 2011: 113).

Nesse sentido, a reclusão em mosteiros tinha como um dos objetivos a preservação da virgindade feminina como forma de alcançar a salvação pela castidade, tornando-se, assim, dignas de retornar ao Paraíso. As religiosas católicas dedicavam suas vidas ao casamento com Cristo, já que, como reclusas e não mais vulneráveis aos pecados, sendo também privadas de vaidade – uma das armas femininas que levavam o homem a pecar –, estariam seguras. Dessa forma, se a mulher buscasse sua salvação na vida religiosa, contribuía para que o homem não pecasse, na medida em que, para o pensamento medieval, as mulheres eram usadas pelo demônio; era através delas que o diabo se manifestava e, por esse motivo, eram constantemente vigiadas, punidas e sacrificadas.

Outro motivo para a reclusão nas instituições religiosas era a impossibilidade de a família pagar o dote para o futuro esposo, uma vez que a instituição do matrimônio na sociedade medieval, principalmente entre os nobres, estava diretamente relacionada aos interesses de expansão dos territórios e riquezas das famílias. Quando o dote de uma mulher era muito alto e comprometia a riqueza de sua família, ela era enviada pelo seu pai ou o homem da casa para tornar-se uma "esposa do senhor", e mesmo que nos círculos religiosos houvesse espaço para as viúvas, essas, por perderem seus maridos, não fugiam às regras do controle sobre seus corpos. Se impedidas de se casarem novamente, essas mulheres eram encaminhadas para casas religiosas e, muitas vezes, a própria viúva optava pela vida religiosa por não desejar o matrimônio novamente, visto que os casamentos eram arranjados e não resultavam da concretização de um desejo particular da mulher.

Semelhante ao matrimônio, em que competiam às mulheres atividades internas e domésticas, enquanto as atividades externas ficavam sob a responsabilidade e tutela masculina, nos monastérios a cena se repetia. Muitas ordens monásticas pregavam a convivência de monges com os fiéis, apresentando-os como modelos e exemplos de pregadores, porém, as mulheres deveriam permanecer enclausuradas e dedicadas às orações. Todavia, mesmo na penumbra, elas se manifestavam, criando e recriando suas formas de resistência e de sentimentos (Baschet, 2006), no caso, por intermédio das práticas de saúde voltadas aos pobres e desvalidos nas origens das cidades.

Figura 2 – Beguinaria em Bruges, Bruxelas.



Fonte: https://www.visitbruges.be/en/things-to-do/culture-and-heritage/begijnhof-beguinage#getting-there. Acesso em: 12 mar. 2026.

Mesmo que na Idade Média o objetivo fosse a salvação das almas, não as práticas terapêuticas prioritariamente, o cuidar-cuidado era interpretado como divino, sublime, maravilhoso, portanto, de responsabilidade da Igreja e dos religiosos. Como exemplo, tem-se S. Camilo de Léllis, fundador da Ordem dos Ministros dos Enfermos, venerado como santo da Igreja Católica, protetor dos enfermos e dos hospitais, assim como "foram fundadas na Espanha várias ordens e congregações dedicadas à assistência de pobres e enfermos. As de grande relevância foram a Congregação dos Enfermos

Obregones, da Ordem São João de Deus, e a dos Belemitas" (Gómez, 2016: 556, tradução nossa).[1]

O movimento beguino renovou a devoção espiritual dessas mulheres a partir de misticismos, isto é, das formas individuais de se relacionar com Deus. Ao dispensar a obrigatoriedade do clero como mediador e ao praticar o cuidar-cuidado por meio do acolhimento e da hospitalidade, dedicando suas vidas aos doentes e aos pobres, defendendo a abstenção dos prazeres, acreditando ser esse o caminho para atingirem a perfeição e o equilíbrio espiritual.

Suas práticas as aproximaram da longa história da saúde, mais especificamente, da história pré-profissional da enfermagem e, em ambos os casos, da representatividade feminina ou história das mulheres. Ainda que homens ocupassem o lugar do cuidar-cuidado como ato devocional no século XIX, a profissionalização evocou a imagem da mulher como representação política e ideológica, como mística que remonta ao sagrado feminino, justificando, assim, os opróbios, isto é, as recusas ao casamento e à maternidade em prol da ação benfazeja.

Ainda que o período medieval evocasse a figura masculina como protagonista, sendo assim destacado pela historiografia, a presença da mulher medieval foi revelada de um modo diametralmente oposto ao comumente atribuído, pois "[...] acreditando demais no que dizem os homens, nós nos arriscamos a nos equivocar, a considerar que a mulher não tinha poderes" (Duby, 2011: 111). Novos medievalistas ampliaram o sentido da historiografia centrada na experiência feminina, nas articulações pensadas por mulheres, as quais, mesmo na penumbra, evocavam uma história medieval femininamente construída, no caso, fortemente atrelada à manutenção da saúde, característica que formaliza historicamente a enfermagem profissional no século XIX, na Inglaterra, como ação predominantemente de mulheres. Ainda que masculinamente projetada como tal, as mulheres se apropriaram dessa dinâmica, estabelecendo a arte e a ciência do cuidado como território do feminino.

As beguinas, segundo práticas e mentalidades medievais, ao acolherem os pobres, ao realizarem a hospitalidade, que incluía dietas, massagens, banhos, sangrias, purgativos, calmantes, entre outras práticas, desarticularam a lógica medieval em torno

[1] "[...] se fundaron en España varias órdenes y congregaciones dedicadas a la asistencia de pobres y enfermos. De gran relevancia fueron la Congregación de los Enfermeros Obregones, la Orden de San Juan de Dios, y la de los Belemitas."

do feminino ou das regras criadas por homens. assim nominadas como segunda via, pois, além das explicações bíblicas, a inferioridade e a fraqueza atribuídas ao feminino sofreram influência da concepção sobre a mulher desde Aristóteles (384-322 a.C.), visto que as bases do pensamento filosófico indicavam o feminino como defeituoso, [vale dizer,] como homem incompleto, que não evoluiu, ou cujo corpo biológico não se encontra totalmente desenvolvido, visto que o órgão sexual não se projetou como ocorre com o corpo masculino, permanecendo embutido no ventre na forma de útero e de ovários. Dessa forma, as mulheres representavam desequilíbrio, incompletude, deformação, isto é, condição humana biologicamente inferior aos homens que, nessa medida, foram tratados como superiores (Laqueur, 2001).

Pesquisadores indicam que homens medievais se baseavam na etimologia para explicar a inferioridade da mulher, pois "[...] a palavra latina que designava o sexo masculino, *Vir*, lembrava-lhes *Virtus*, isto é, força, retidão, enquanto *Mulier* designava o sexo feminino e lembrava *Mollitia* ou fraqueza, flexibilidade, simulação" (Macedo, 1990: 21). Devido à inferioridade imposta às mulheres, o universo medieval gerou uma vigilância constante de homens sobre os atos denominados impuros atribuídos ao universo feminino, indicando, em uma primeira impressão, que a participação das mulheres na Idade Média foi inexistente; contudo, mulheres medievais figuram com importância ímpar não somente como esposas, amantes, mães, responsáveis pela organização da casa, pela instrução dos criados, mas, destacadamente, pelo cuidar-cuidado, do nascimento à morte (Duby, 2011).

Os autores consultados permitem reconhecer que mulheres recorriam ao cuidar-cuidado como modo de expressar seus ideais religiosos no mundo medieval, mas também como possibilidade para redimensionar suas próprias vidas, para estabelecerem outras experiências, livres de vicissitudes do casamento e da maternidade – vale reiterar, como resistência no feminino. A religiosidade essencialmente feminina respondia às aspirações de mulheres temerosas, pois não raro morriam prematuramente durante os partos ou quando violentadas, pautas que ultrapassaram o tempo histórico e a fé católica, tanto na dimensão da resistência, quanto no que se refere ao lugar do feminino, ontem e hoje. Nessa perspectiva, mulheres protestantes do século XIX, do mesmo modo, ou seja, femininamente, interpretaram as escrituras em favor da primazia do feminino ao apontarem que Eva seria a completude, a perfeição humana, pois, nessa dimensão, após ela Deus não criou outro ser (Baubérot, 1991).

Capazes de se organizar em comunidades, a fim de realizarem a caridade como encontro com a espiritualidade mais profunda pela mística que envolve as práticas de saúde, as beguinas escreveram suas experiências religiosas e desafiaram os homens da Igreja dominante. Com a perseguição, após serem consideradas hereges, na baixa Idade Média, muitas se calaram, vivendo em comunidades permitidas pela Igreja em detrimento de novas práticas, ainda que o cuidar-cuidado permanecesse sagrado e sublime, ou seja, como atos que legitimavam a devoção a Cristo. As mulheres que continuaram contrárias às ordens da Igreja sofreram as consequências da Inquisição.

Todavia, mesmo sob perseguições, os autores revelam que algumas beguinas viveram em comunidades ou em casas que serviam mais como abrigo para o cuidado de doentes, crianças e abandonados. Ao final, esses grupos femininos foram substituídos gradativamente por novas ordens religiosas, por novas comunidades pias legitimadoras da caridade em torno do cuidar-cuidado, cuja ação, no século XIX, levou as mulheres nominadas *nurses*, a cobrarem por suas ações. Esse movimento da história contemporânea conduziu ao exercício profissional do cuidado como trabalho e não mais como ação benfazeja santificadora, no qual as *nurses* pré-profissionais profanaram decisivamente o sagrado, que exigiu a profissionalização da arte de cuidar como ciência do cuidado. Ao mesmo tempo, podemos perceber valores religiosos ainda como base a enfermagem moderna estruturada por Florence Nightingale, na qual

> a Enfermagem era compreendida, tanto como vocação quanto como profissão, e os dois aspectos deviam estar unidos, sendo que qualquer mulher poderia vir a ser uma boa enfermeira. O sentimento de religiosidade marcou parcialmente o ideário da enfermagem, principalmente quando se alia a este, àquelas qualidades desejadas, tanto para a religiosa quanto para a enfermeira, como obediência, respeito à hierarquia e humildade. (COSTA, 2009).

Logo, valores morais femininos presentes na Europa medieval, como o se doar ao outro, a pureza e caridade estão presentes, à sua maneira, nas bases do surgimento da enfermagem enquanto profissão na Europa do século XIX. Ao estabelecer essa relação, é possível pensar no movimento beguino e na prática profissional da enfermagem como formas de as mulheres resistirem ao *status quo* dentro do que o contexto em que vivem.

Marguerite Porete: entre a caridade e o sagrado feminino

Por não estarem ligadas a uma ordem religiosa, as beguinas desenvolviam práticas de leitura e escrita dentro das beguinarias, possibilitando a elas realizarem as próprias interpretações do Evangelho. As beguinas eram consideradas místicas, e dessa forma buscavam a contemplação e a aproximação com Deus, além de se espelharem na vida de Cristo, dedicando suas vidas ao amor pelo próximo e à caridade sem interesse, como escreve uma das mais importantes beguinas, Marguerite Porete, em seu livro *O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas*, publicado por volta de 1300.

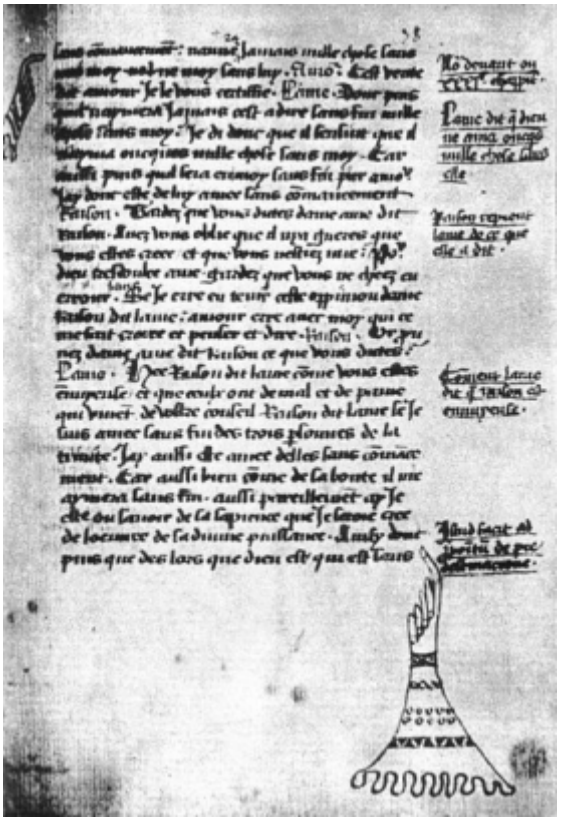
Conforme destacado por Maria Simone Marinho Nogueira (2023), sua biografia não é conhecida. O verbete publicado como parte de um projeto que trata as mulheres na Filosofia aborda a vida e a obra da filósofa e a mística medieval, destacando seu contexto histórico, religioso e intelectual, bem como sua condenação pela Inquisição, em 1310, por heresia. A autora ressalta que:

> Pouco se sabe sobre a vida de Marguerite Porete. Para alguns dados, é preciso recorrer a três fontes: os Autos do Processo da Inquisição, onde se lê que ela foi condenada à fogueira como herege, recidiva, relapsa e impenitente [...] algumas crônicas da época [...] e o livro escrito por ela, O espelho das almas simples. Pelos Autos, sabe-se que ela foi queimada em 1 de junho de 1310, na Praça de Grève, em Paris. Também que era de Hainaut (na região da Picardia, que hoje encontra-se entre a França e a Bélgica) e o seu nome e sobrenome [...] uma vez que as Atas se referem a ela como "Marguerite chamada a Porete" e não simplesmente "Marguerite Porete", o que não indicaria uma afiliação familiar no sentido forte do termo. De qualquer forma, foi assim que ela ficou conhecida (Nogueira, 2023: 14).

As referências consultadas indicam que Marguerite Porete nasceu por volta de 1258, no Condado de *Hainaut*, Sacro Império Romano-Germânico, Europa Central, cujo núcleo original consistia na parte central da província belga de Hainaut e na parte oriental do departamento francês de Nord, que incluía os distritos de *Avesnes-sur-Helpe e Valenciennes*. Sua morte trágica, vale reiterar, queimada publicamente em Paris, por se recusar a retirar sua principal obra de circulação, permite considerar que a resistência no feminino atravessa a longa história das mulheres, ontem e hoje (Oliveira, 2017).

Marguerite Porete teria redigido a primeira versão de sua obra na década de 1290. Considerada herética pelas autoridades eclesiásticas, foi condenada à destruição por ordem do bispo de *Cambrai*. Um dos principais fatores de controvérsia foi o fato de a obra ter sido escrita em língua vernácula, e não em latim, o que contribuiu para sua ampla circulação, apesar das proibições impostas à autora, favorecendo enormemente a divulgação de suas ideias.

Figura 3 – Manuscrito de Marguerite Porete.



Fonte: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/marguerite-porete/ Acesso em: 12 mar. 2026.

Em 1308, Marguerite Porete foi presa e posteriormente entregue à Inquisição francesa, sendo acusada formalmente de heresia. O processo incluiu a análise de proposições extraídas de sua obra por uma comissão de teólogos, que as julgou incompatíveis com a ortodoxia cristã. Após sua execução, trechos de sua obra foram incorporados a documentos oficiais da Igreja, como o decreto *Ad Nostrum*, emitido pelo Concílio de *Vienne*, entre 1311-1312, reforçando a condenação dos movimentos espirituais associados às beguinas e aos Irmãos do Espírito Livre (Oliveira, 2017).

Durante seu encarceramento e julgamento, recusou-se a falar com qualquer inquisidor. Em 1310, uma comissão de 21 teólogos investigou uma série de 15 proposições extraídas do livro, tratando-as como heréticas. Femininamente, recusou-se a retratar-se, retirar seu livro ou cooperar com as autoridades, bem como a prestar o juramento que o inquisidor exigia para prosseguir com o julgamento. Assim, foi queimada viva em 1 o de junho de 1310, em Paris, na *Place de Grève*, como uma mulher falsa e herege (Nogueira, 2023).

Mesmo não tratando a vida de Marguerite Porete a partir da epistemologia feminista, Leandro da Mota Oliveira (2017) reitera que a retomada da historicidade do feminino medieval por meio da obra dessa importante beguina ocorreu em 1944 "por intermédio da estudiosa italiana Romana Guarnieri, que tornou pública a discussão da provável autoria e datação da obra em artigo publicado no periódico católico *L'Osservatore Romano*, de 16 de junho de 1946" (2017:50).

Grande parte do livro assemelha-se a um argumento racional ao estilo boécio entre várias partes. É escrito de forma semelhante ao poema medieval francês *Roman de la Rose*. Marguerite Porete afirma que a Alma deve renunciar à Razão, cuja compreensão lógica e convencional da realidade não consegue apreender plenamente Deus e a presença do Amor Divino. A "Alma Aniquilada" renunciou a tudo, exceto a Deus, por meio do Amor. Segundo a beguina francesa, quando a Alma está verdadeiramente preenchida com o amor de Deus, ela se une a Deus e, portanto, encontra-se em estado de união, o que a faz transcender as contradições deste mundo por intermédio da caridade (Porete, 2008).

A caridade é um termo derivado do latim caritas, cuja origem remonta ao vocábulo grego *chàris*, e designa um sentimento de auxílio ao outro desprovido de qualquer expectativa de recompensa. A prática da caridade é tradicionalmente associada à retidão moral e à bondade de caráter e, no âmbito da doutrina católica, a caridade é classificada como uma das virtudes teologais, ao lado da fé e da esperança.

De acordo com Camila Jansen de Mello de Santana (2007), a caridade pode ser considerada como "o auxílio voltado ao desenvolvimento pessoal do sujeito alvo da ação de caridade [...] auxílio moral, espiritual e material, de forma a desenvolver a pessoa auxiliada para que esta se torne capaz de mudar a realidade em que vive" (Santana, 2007: 3), envolvendo, geralmente, pessoas enfermas e vulnerabilizadas. Para a

autora, nessa interpretação, há a necessidade da existência do pobre, do doente e do necessitado em geral.

Nesse estado beatífico, o pecado torna-se impossível, uma vez que a alma se encontra plenamente unida à vontade divina, condição tradicionalmente compreendida pela teologia como efeito da graça. A obra tem como propósito orientar o leitor na busca desse estado de união por meio de recursos simbólicos, como imagens. Essa concepção aproxima a união do ser humano com Deus pelo Amor. Sua obra, escrita em picardo, um dialeto francês, é um tratado místico que explora a relação entre a Alma e Deus, enfatizando o conceito de aniquilamento. Para Maria Simone Marinho Nogueira (2023: 21), "todo o livro se articula do início ao fim na ideia de que as almas podem chegar a ser almas aniquiladas, isto é, almas livres de todo e qualquer intermediário que impeça a livre união do ser humano com Deus"; nesse sentido, afirma que a caridade é revelada em sua obra como o caminho que leva ao *Ágape*. Em sua obra, Marguerite Porete assim esclarece essa dimensão:

> A Caridade não obedece a nada criado, somente ao amor. A Caridade não tem nada de seu, e se tivesse ela alguma coisa, não diria que lhe pertence. A Caridade abandona sua própria necessidade e atende a dos outros. A Caridade não pede recompensa a nenhuma criatura por algum bem ou prazer que tenha proporcionado. A Caridade não tem vergonha, nem medo, nem ansiedade. [...] A Caridade dá a todos o que tem de bom, não retém nada para si e, por isso, promete frequentemente o que não tem por sua grande generosidade, na esperança de que quanto mais dê, mais permaneça nela. A Caridade é uma mercadoria tão sábia que ganha em todos os lugares lá onde os outros perdem, e escapa das correntes às quais os outros prendem, garantindo assim a multiplicação do que agrada ao Amor (Porete, 2008: 35).

Importante ressaltar que o amor citado na obra de Marguerite Porete refere-se ao meio de despojar da alma em seu processo de ruptura com os vínculos que impedem o exercício da verdadeira humildade e encontro com Deus (Teixeira, 2008). Portanto, a caridade constitui uma manifestação desse amor que deseja sempre servir ao outro sem esperar nenhum tipo de recompensa, abandonando as próprias necessidades, distinta daquela pregada pelas instâncias eclesiásticas, na qual o serviço ao outro está mais relacionado com os interesses da Igreja de manutenção do poder do que da liberdade. Com efeito:

> [...] as fontes históricas apontam que a participação feminina no espaço religioso sobrepujou à passividade da contemplação espiritual e trabalho doméstico para adentrar ativamente na reflexão crítica, na produção intelectual, inclusive na esfera teológica, na influência de suas ideias sobre o divino, na disseminação de valores sociais voltados à prática da piedade e da caridade, dentre outros legados (Oliveira, 2017: 14).

Nesse sentido, é possível relacionar o ideal de Caridade prezado pelo movimento beguino e as necessidades sociais urbanas da Baixa Idade Média ao desenvolvimento das práticas de cuidado realizados por mulheres beguinas, principalmente aos mais pobres, visitando domicílios para atender enfermos e ajudar em partos, além de oferecerem suporte a hospitais, dedicando-se especialmente aos leprosos, doentes desprezados pela sociedade medieval. Com as devidas proporções, seu legado transborda, na contemporaneidade, para os princípios que regem a saúde coletiva.

Vinculada à cultura ou antropologia dos cuidados, ao abarcar o longo processo histórico das mulheres na saúde, a reflexão permite considerar, como suposto, que as práticas executadas pelas beguinas se alinham aos princípios de universalidade, integralidade e equidade. Suas ações, ainda que imbuídas pela Caridade, sugerem a saúde como direito de todos, considerando a pessoa por inteiro, cuidando do corpo físico e espiritual, reduzindo desigualdades entre desvalidos, andarilhos e desenraizados, homens e mulheres excluídos, abandonados, pobres, mas por elas tratados em enfermarias estabelecidas em "beguinatos" nas origens das cidades (Miatello, 2022).

Ainda que a ideia de Estado ou que as noções terapêuticas de prevenção e de tratamento tenham se estabelecido em um contexto histórico posterior ao delimitado, isto é, no século XIX, a reflexão permite considerar as mulheres beguinas como precursoras de práticas médicas e de saúde que impactaram, mesmo que indiretamente, no presente vivido. Seja na gestão da educação e do trabalho em saúde, principalmente na enfermagem, é possível pensar nessas mulheres medievais como parte importante para desconstruir verdades masculinamente impostas, como as que impediram o desenvolvimento das mulheres em diferentes áreas de atuação, no caso, em relação às mulheres na saúde. Na atualidade, as mulheres representam 70% a 85% da força de trabalho no campo da saúde no Brasil e, na área médica, é a primeira vez que existem mais mulheres que homens (Stone, 2023).

Nesse diapasão, o movimento beguino representa uma particularidade no contexto medieval por reunir mulheres de forma independente das leis do clero e da supervisão masculina para viverem segundo uma espiritualidade própria, pois, insatisfeitas com ações da Igreja, negaram lugares de meras observadoras ou de religiosas reclusas. As beguinas desejaram uma religiosidade plena e livre das amarras impostas pela Igreja comandada exclusivamente por homens e, portanto, política e ideologicamente impostas.

Marguerite Porete evidenciou essa dinâmica ao desvelar a caridade como dever para se conseguir a salvação, fundamentando as ações de cuidar-cuidado realizados em beguinatos. No capítulo intitulado *Da Obra do Amor e porque ela fez esse livro ser escrito*, é possível localizar a importância da caridade, como segue:

> Amor: - Vós, filhos da Santa Igreja, para vos ajudar fiz este livro, a fim de que ouçais para melhor valorizar a perfeição da vida e o estado de paz ao qual a criatura pode chegar pela virtude da caridade perfeita, a criatura a quem esse dom é dado pela Trindade toda; escutareis esse dom exposto nesse livro pelo Entendimento do Amor que responderá às perguntas da Razão (Porete, 2008: 33).

A caridade perfeita ou o entendimento do amor ampliou a recusa aos modelos existentes, os quais inscreviam as mulheres como porta de entrada do Demônio no mundo, inclusive, por sangrarem, sendo, assim, figurativizadas como feiticeiras, bruxas, hereges (Michelet, 2003). A ordem místico-religiosa proposta pelas beguinas desafiou a autoridade da Igreja, interpretou a Bíblia de modo a questionar os dogmas impostos ao feminino e apoiou-se na arte do cuidar-cuidado como forma de legitimação da santidade e da dedicação a Cristo. Femininamente articulada, apropriando-se de uma representatividade autorizada por homens, as beguinas refletem o sagrado feminino que envolve o legado ancestral das mulheres no campo da saúde ao longo da história.

Polissêmico, o conceito de sagrado feminino condensa significados e práticas que atravessam múltiplos campos do saber. Sua complexidade alcança especialidades diversas, sendo referenciado em áreas como a ginecologia, por exemplo; todavia, nesse contexto, focaliza-se um cuidado distanciado da medicina convencional, voltado às práticas ancestrais, especialmente em relação ao parto, à gestação e à saúde menstrual, bem como as religiosidades dissonantes da Igreja dominante que, nesses casos, são

intermediadas pelo autocuidado por meio do uso de ervas, velas, banhos, orações, benzimentos e outras artes com objetivo de cura (Vasconcellos, 2023). Desse modo, por não possuir uma conceituação rígida, abarca um amplo universo, como segue:

> O Sagrado Feminino é um "termo" difícil de conceituar de maneira exata ou concreta devido a sua amplitude, mas pode ser entendido como uma filosofia que promove ensinamentos sobre aspectos físicos, mentais e espirituais da figura feminina. Há quem diga que ele é um conceito que valoriza as mulheres em aspectos religiosos, psicológicos, pessoais e até mesmo socioculturais, podendo assim ser entendido como a consciência da essência da mulher (Reolon; Colpo, 2018: 4).

A caridade assume um lugar de destaque na obra de Marguerite Porete. Sua prática, atrelada ao cuidar-cuidado, perpassa a história da saúde, tal como nominou José Siles-Gonzales ao tratar "os cuidados de saúde no plano religioso institucional" (1999: 109, tradução nossa)[2] . O autor, ainda que estabelecendo uma perspectiva evolutiva da história, isto é, como sucessão de fatos encadeados linearmente, destaca a interpretação dualista de saúde e de enfermidade, assim como as práticas ritualísticas permearam o cuidar-cuidado na Idade Média, evidenciando, com efeito, o papel das mulheres nesse processo. Essa dimensão é compartilhada com pesquisadores do tema, como segue:

> Mas, diante da impossibilidade de explicar os fenômenos ligados à doença, eles lhe atribuem um significado mais ou menos religioso e supersticioso. Por extensão, aqueles que cuidam dos doentes são investidos de poderes especiais (magia, feitiços) ou, como eles, são colocados à margem da sociedade. Se começamos a falar explicitamente da arte de curar, não se fala, no entanto, de modo algum da arte de cuidar, que permanece sendo da competência das próprias famílias, de voluntários ou de "arrependidos" que procuram, dessa maneira, desviar de si o castigo dos deuses (Stinglhamber-Vander Borght, 1994: 24)[3]

[2] "Los cuidados de salud en el plano religioso institucional".
[3] "Mais, devant l'impossibilité de pouvoir expliques les phénomène lies à la maladie, ils lui donnent tou une signification plus ou moins religieuse et suspertitieuse. Par extension céus qui occupent des malades, sont investis de pouvoirs spécioaux (magie, sortilèges), ou, comme eux, sont mis em marge de la société. Si on commence à parler explicitement de l'arte de guèrir, on ne parle cependant nullement de l'arte de soigner qui reste de la compétence des families eles-mêmes, de benévolés, ou de "repentis" cherchant à détouner d'eux, de cette façon, le châtiment des dieux".

Considerações finais

A análise empreendida ao longo deste artigo evidencia que o movimento das beguinas, surgido entre os séculos XII e XIII, constitui um marco fundamental na história da saúde e da enfermagem pré-profissional – um fenômeno histórico de relevância ímpar para a compreensão da genealogia do cuidado.

Ao se organizarem em comunidades independentes, pautadas pela vida ascética e pela prática da hospitalidade e da caridade, essas mulheres não apenas desafiaram os dogmas eclesiásticos e a hegemonia masculina, tensionando as estruturas de poder vigentes, mas também instituíram formas de cuidado que se tornaram referência para práticas posteriores e se configuraram como formas de resistência cultural e política.

O legado das beguinas revela que o cuidar-cuidado, entendido como ação místico-religiosa, ultrapassa a dimensão espiritual e se inscreve como prática social e política, capaz de reposicionar o feminino em espaços historicamente marginalizados. Nesse sentido, sua atuação contribuiu para consolidar uma cultura de cuidados que, ao longo do tempo, desembocou na profissionalização da enfermagem, marcada por uma forte presença feminina e por uma dimensão ideológica que associa o ato de cuidar à identidade das mulheres.

A análise das fontes evidencia, portanto, que o cuidar-cuidado se inscreve como prática social, antropológica e ideológica. A historicidade do feminino no campo da saúde demonstra que o ato de cuidar extrapola a dimensão técnica e se mostra como expressão igualmente importante de subjetividade, religiosidade e agência política.

Embora frequentemente estigmatizadas como heréticas, as beguinas revelam, em sua prática cotidiana, a potência de um protagonismo feminino capaz de reconfigurar os espaços sociais e religiosos da Idade Média. Ao revisitarmos suas experiências, torna-se possível reconhecer que a enfermagem, em sua constituição histórica, é atravessada por elementos de resistência e de afirmação identitária que remontam às comunidades beguinas e a outras formas de organização feminina dedicadas ao cuidado. Assim, este artigo reforça a necessidade de reconhecer e valorizar a contribuição dessas mulheres para a construção da enfermagem moderna e, por que não dizer, do campo da saúde coletiva.

Portanto, a reflexão sobre o movimento beguino não se limita a uma abordagem histórica da cultura dos cuidados, mas propõe a ampliação do debate na interface entre

gênero, religiosidade e saúde. A densidade teórica aqui mobilizada permite compreender a enfermagem enquanto prática social e profissional, possibilitando que as demais áreas e profissões de saúde também o façam, se reconheçam e reivindiquem seus protagonismos e contribuições profundamente marcadas pela ação de mulheres que, desde a Idade Média, inscreveram o cuidar como ato político, místico e transformador.

Referências

BADINTER, Elisabeth. U*m amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARA BANCEL, Silvia. *Las beguinas y su «regla de los auténticos amantes» (règle des fins amans)*. In: BARA BANCEL, Silvia. Mujeres, mística y política: la experiencia de Dios que implica y complica. Estella: Editorial Verbo Divino, 2016. p. 52-91.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BAUBÉROT, Jean. *Da mulher protestante*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). História das mulheres: o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. p. 238-255.

BROWN, Judith C. *Atos impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença.* São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRUNELLI, Delir. *Clara de Assis e o movimento religioso feminino nos séculos XII e XIII.* In: SILVA, Andréia Frazão (org.). Ciclo: a tradição monástica e o franciscanismo. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais da UFRJ; Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, 2002. p. 17-28.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales: 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1991.

COLLIÈRE, Marie-Françoise. *Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*. Lisboa: Lidel, 1999.

COSTA, Rafael Ferreira; COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Beguinas: movimento laico de espiritualidade cristã feminina na Baixa Idade Média*. Paralellus: Revista de Estudos da Religião, Recife, v. 14, n. 34, p. 385-402, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.25247/paralellus.2022.v14n34.p385-402. Acesso em: 22 fev. 2026.

COSTA, R. et al. *O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo*. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-07072009000400007. Acesso em 30 ago. 2026.

DOMINGUES, Sendy. *Religiosidade e mulher medieval*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2014.

DUBY, Georges. *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

FERNÁNDEZ, Alícia Rodríguez. *Las beguinas: su historia y su forma de vida alternativa*. In: Gomeres: Blog Cátedra Index. Investigación en cuidados de salud, 2015. Disponível em: http://www.fundacionindex.com/gomeres/?p=1098. Acesso em: 31 jan. 2026.

GÓMEZ, Rodolfo Rodríguez. *De la orden de las hermanas agustinas a la enfermería contemporánea.* Revista de la Universidad Industrial de Santander. Salud, Bucaramanga, v. 48, n. 4, p. 554-560, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.18273/revsal.v48n4-2016014. Acesso em: 22 fev. 2026.

GUERIZOLI, Rodrigo. *As bulas condenando as beguinas e mestre Eckhart*. Veritas, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 485-494, 2000.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1990.

MIATELLO, André Luis Pereira. *As culturas da caridade das beguinas de Marselha frente aos desafios da economia mercantil da Baixa Idade Média*. Revista de História, São Paulo, n. 181, p. 1-21, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.193257. Acesso em: 22 fev. 2026.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. São Paulo: Aquariana, 2003.

MICHELET, Jules. *A mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NASCIMENTO, Denise da Silva Menezes do. *A influência franciscana na religiosidade das beguinas.* In: COSTA, Sando da Silva; SILVA, Andreia Cristina Lopes Frasão da; SILVA, Leila Rodrigues da (org.). Ciclo: a tradição monástica e o franciscanismo. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais/UFRJ, 2003. p. 29-39.

NICOLETTE, Carlos Eduardo; SANTOS, Rodrigo Pinto; GUIMARÃES, Vitor Pereira. *Hadewijch de Amberes: a mística medieval e suas visões sobre o divino*. Revista Mais que Amélias, União da Vitória, n. 4, p. 1-9, 2017. Disponível em: https://8817bea9-051e-4071-aa02-bb0ea330c83e.filesusr.com/ugd/cafbb5_7d0085dac2e44a9c94d7da4f21c35d78.pdf. Acesso em: 3 set. 2026.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *Marguerite Porete*. In: Enciclopédia Mulheres na Filosofia. Campinas: Blogs de Ciência da Unicamp, 26 abr. 2023. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/blog/marguerite-porete/. Acesso em: 3 set. 2026.

OLIVEIRA, Leandro da Mota. *Marguerite Porete e as beguinas: a importante participação das mulheres nos movimentos espirituais e políticos da Idade Média*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PONTES, Amanda Oliveira da Silva. *A espiritualidade feminina dos séculos XII, XIII e XIV – as beguinas: expressões da liberdade de gênero e crença.* Anais dos Simpósios da ABHR, Recife, n. 2, 2016. Disponível em: https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1217. Acesso em: 3 set. 2026.

PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente em querer e desejo de amor*. Petrópolis: Vozes, 2008.

REOLON, Isadora Laís; COLPO, Siane. *O sagrado feminino e o papel do patriarcado na fissura da essência da mulher*. Santa Maria: UFSM, 2018. Disponível em: https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-de-santa-maria/publicacoes-cientificas/artigo-sagrado-feminino/11682826. Acesso em: 22 fev. 2026.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SANTANA, Camila Jansen de Mello de. *Caridade a si ou ao outro?: as práticas católicas como auto-salvação*. Revista Aulas, Campinas, n. 4, p. 1-19, 2007. Disponível em: https://www2.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_2.pdf. Acesso em: 21 jan. 2026.

SILES-GONZALES, José. *Antropologia dos cuidados*. In: OGUISSO, Taka; SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando de; FREITAS, Genival Fernandes de (org.). Pesquisa em história da enfermagem. 2. ed. São Paulo: Manole, 2011. p. 34-111.

SILES-GONZALES, José. *Historia de la enfermería*. Alicante: Aquaclara, 1999.

SILES-GONZÁLEZ, José; SOLANO-RUIZ, María del Carmen. *A história cultural e a estética dos cuidados de enfermagem*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, p. 1090-1099, set./out. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500005. Acesso em: 9 set. 2026.

STINGLHAMBER-VANDER BORGHT, Bernadette. *Infirmière: genèse et réalité d'une profession*. Bruxelas: De Boeck, 1994.

STONE, Judy. *Mulheres são a maioria na área da saúde, mas não estão na liderança*. Forbes, 31 mar. 2023. Forbes Mulher. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/03/mulheres-sao-a-maioria-na-area-da-saude mas-nao-estao-na-lideranca/. Acesso em: 6 mar. 2026.

TEIXEIRA, Faustino. Apresentação. In: PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente em querer e desejo de amor.* Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-29.

VASCONCELLOS, Hannah Lima Alcantara de. *Vagina, corpo e mente entre a branquitude e o sagrado feminino no Brasil do século XXI*. Textos e Debates, Boa Vista, v. 29, n. 1, p. e7998, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v29i01.7998. Acesso em: 22 fev. 2026.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.